

Preferência pela capital no centro do país

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Em seus 79 anos de vida, o aposentado Manoel de Andrade Moura já morou nas três capitais federais que o Brasil teve — Salvador, Rio de Janeiro e Brasília — e não tem dúvidas ao escolher a atual capital como a sua preferida. “Gostei de morar nas três em sentidos e intensidades diferentes, mas Brasília é especial, pois trouxe um clima de esperança para todo o país por ser a realização do sonho de grandes pensadores pelas mãos do presidente Juscelino Kubitschek”, afirma diplomático, sem desmerecer nenhuma das três cidades.

Manoel veio do Rio de Janeiro para Brasília em novembro de 1959, designado pelo Senado Federal, órgão para o qual trabalhava, para receber o serviço de som da Casa na nova capital. Mais tarde — em meados da década de 60 —, Manoel foi um dos fundadores da Gráfica do Senado, onde trabalhou até se aposentar. Faltando menos de um ano para a inauguração da cidade, o pioneiro já encontrou muita coisa estruturada por aqui. “A cidade estava praticamente toda demarcada. Sabia-se onde iriam ser todos os setores, as quadras, os prédios, mas a maioria das construções ainda não passava de idéias e demarcações”, lembra

Arquivo pessoal



MANOEL (DE ÓCULOS ESCUROS) COM COMPANHEIROS DO INÍCIO DE BRASÍLIA ONDE SERIA O ANEXO DO SENADO

Manoel. Somente o comércio básico, como farmácias e padarias, já estava no Plano Piloto. “Se precisássemos de alguma coisa mais difícil ou de fazer uma compra maior, tínhamos que ir à Cidade Livre (Núcleo Bandeirante)”, afirma o pioneiro. Isso em um tempo em que o transporte coletivo não existia, mas que, em compensação, a “carona era institucionalizada”.

Alívio e esperança

Tanta coisa para terminar em tão pouco tempo levou o experiente

servidor público, de 34 anos, a questionar se a cidade ficaria realmente pronta a tempo de Juscelino Kubitschek inaugurá-la ainda em seu governo. Mesmo acreditando em Brasília e na necessidade de se trazer a capital para o interior do Brasil, Manoel confessa que muitas vezes temeu pelo destino da cidade. “Meu maior medo era o de Juscelino não conseguir entregar a obra e o próximo governo não dar continuidade à construção da cidade, como acontece com várias obras públicas no Brasil”, explica Ma-

noel, que no dia da inauguração sentiu um misto de felicidade, alívio e esperança na melhoria do país.

Quando chegou à nova capital, Manoel de Andrade Moura não trouxe de imediato sua primeira esposa, Jovelina Moreno, e seus três filhos, Luis Carlos, Rita Maria e Antonio Carlos. “Não queria que eles viessem sem termos um local para morar”, afirma um zeloso Manoel, que, na verdade, ouvira falar muito mal dos acampamentos no Rio de Janeiro. A verdade é que ele morou pouco

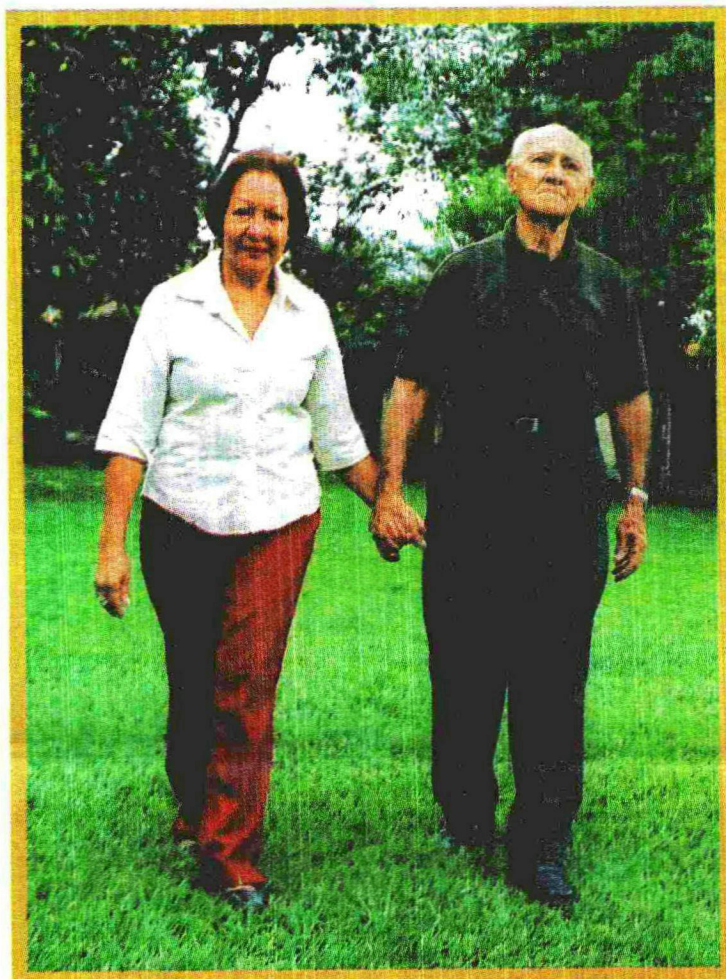
tempo em um acampamento — cerca de três dias — e foi logo à luta por um apartamento. “Ofereceram-me um em um prédio JK (janela e kitchenette), mas eu não quis. Sabia que estavam para sair apartamentos melhores e recusei

*1959, para receber o serviço de som do Senado. Havia poucas construções prontas, mas a cidade
s fundadores da Gráfica do Senado, em meados dos anos 60, onde trabalhou até se aposentar*

essa primeira opção", lembra ele, que logo conseguiu um apartamento na 304 Sul. E não foi um apartamento qualquer. "Deixaram-me escolher qual apartamento eu queria no bloco A daquela quadra", diz o pioneiro. Ele escolheu um no primeiro andar — "era melhor porque não tinha muitas escadas para subir" — e, aí sim, trouxe a família para cá.

A mudança dos ares úmidos e praianos do Rio de Janeiro para o frio seco de Brasília assustou um pouco a família toda. "No início fiquei um pouco dividido por causa da falta da praia, do frio e da seca dessa cidade, mas acabei persistindo e hoje não me arrependo de ter ficado por aqui mesmo", diz o aposentado, que, para aliviar a saudade, chegava a ir para o Rio de Janeiro mais de três vezes ao ano. Outra maneira encontrada por Manoel para esquecer um pouco o que ficara para trás era o trabalho. "Havia muito o que ser feito no Senado e na cidade", lembra. Nos momentos de folga, a programação era visitar os amigos e assistir à TV, pois Brasília "não tinha cinema, o Lago Paranoá, o Parque da Cidade. Nenhum desses lugares".

Quando se aposentou como funcionário do Senado, Manoel não sossegou e foi buscar em uma loja de produtos eletrônicos um meio de ajudar no desenvolvimento da cidade. O pioneiro investiu em maquinário e treinamento e abriu uma loja de antenas parabólicas — uma entre as três que existiam na cidade. "Isso em um tempo em que as antenas eram coletivas, ou seja, um prédio só tinha uma antena para atender a to-



dos os apartamentos. Hoje, com o avanço da tecnologia, cada apartamento tem a sua", ressalta. Nessa época, Manoel pôde construir sua casa no Lago Sul, endereço onde mora até hoje, e investir em outros pontos comerciais — como o que alugava para a tradicional confeitaria Reis, uma das primeiras da cidade. Mas o mercado foi se abrindo, a especialização exigida foi cada vez maior e seu principal ajudante, o filho Luis Carlos, seguiu os passos do pai e foi ser pioneiro em Palmas. A guinada na vida do pioneiro se completou com o seu segundo casamento e o nascimento de suas duas filhas mais novas, Patrícia e Andréa, as duas brasilienses do quinteto de Manoel.

O espírito aventureiro sempre fez parte da personalidade desse pioneiro. Além de participar da epopéia da transferência de capital do Rio de Janeiro para cá, ele também tomou parte

de outras aventuras brasileiras. Em uma delas, talvez a de que mais se orgulhe, Manoel foi combatente da Marinha brasileira na II Guerra Mundial. "Eu era responsável pelos comboios das embarcações brasileiras por toda a costa", conta. E foi com a coragem de um ex-combatente que Manoel deixou no Rio de Janeiro uma de suas maiores paixões: o mar. "Senti muita falta de toda aquela vida perto do mar, mas o desejo de participar do desenvolvimento de uma capital era maior", conta sem esconder a satisfação de ter vencido mais esse desafio. "Brasília é hoje referência para o mundo todo e o motivo é simples. Juscelino era um grande estrategista e, como em um barco, escolheu o local mais apropriado para montar sua cabine de comando: o centro, onde os ataques demoram a chegar e de onde pode se controlar todo o seu redor", finaliza.

COM LIRA, MANOEL
APROVEITA A VIDA
NA CAPITAL QUE
AJUDOU A
CONSTRUIR

“
BRASÍLIA É HOJE
REFERÊNCIA PARA
O MUNDO TODO E
O MOTIVO É
SIMPLES.
JUSCELINO ERA UM
GRANDE
ESTRATEGISTA E,
COMO EM UM
BARCO, ESCOLHEU
O LOCAL MAIS
APROPRIADO PARA
MONTAR SUA
CABINE DE
COMANDO: O
CENTRO, ONDE OS
ATAQUES
DEMORAM A
CHEGAR E DE ONDE
PODE SE
CONTROLAR TODO
O SEU REDOR
”

Raio X

Nome: Manuel de Andrade Moura
Idade: 79 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano da chegada a Brasília: 1959
Profissão: Funcionário público aposentado
Esposa: Lira Zemil Rodrigues Moura
Filhos: Luis Carlos, Rita Maria, Antonio Carlos, Patrícia e Andréa.
Netos: Heraldo, Anna Christina, Gabriela, André, Viviane, Henrique, Lílian, Bruno, Renata e Manoella.
Bisnetos: Gustavo, Leandro e Júlia.